

ATUAÇÃO DA ATENÇÃO BÁSICA NO CUIDADO À PACIENTE AUTISTA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lizandra Dias Magno¹; Ana Carolina de Souza Damasceno²; Renata Garcez Cunha Quaresma³; Rosane Maria Gonçalves⁴; William Rafael Almeida Moraes¹

¹Acadêmicos de Fisioterapia; ²Acadêmica de Terapia Ocupacional; ³Preceptora PET-Saúde; ⁴Tutora PET-Saúde

liz_magno@hotmail.com

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Introdução: Atenção Primária em Saúde é o nível de um sistema que oferece a entrada para todas as necessidades e problemas. Esta se caracteriza por um conjunto de ações de saúde, no âmbito individual e coletivo, que abrange promoção e proteção da saúde em regime de não internação, orientando-se pelos princípios do SUS, sendo composta por um conjunto de profissionais, cuja responsabilidade perpassa pela por ações que possam interferir no processo de saúde-doença da população. Nesse contexto, considera-se que a atenção primária deva atingir as esferas inerentes à saúde mental, já que seus princípios se aproximam desta modalidade de intervenção. No Brasil, estima-se que cerca de 9 a 12% da população apresente transtornos mentais leves, que necessitam de cuidados eventuais, dentre estes se destaca o autismo. Embora ultimamente se saiba mais sobre o autismo, poucos profissionais estão aptos a trabalhar com esta população, o que contrasta com a crescente epidemiologia referente ao transtorno do espectro autista (TEA). **Objetivo:** Identificar o funcionamento da Unidade Municipal de Saúde (UMS) Bengui II na atenção ao autista, verificando o processo de diagnóstico neste local e conhecendo o fluxo de atenção primária a esta população. **Descrição da experiência:** Foram contatadas 4 famílias residentes no bairro Benguí, representadas pelas mães. Para obter detalhes sobre o acompanhamento dos menores na UMS, foi aplicado um questionário, que, além disso, abrangia questionamentos sobre a percepção inicial do transtorno e o acompanhamento especializado. **Resultados:** No aspecto de percepção, as responsáveis relataram o atraso no desenvolvimento da fala, deambulação, certa “rejeição de carinho”, inabilidade visual e repetição de movimentos. Em relação ao diagnóstico, a média de idade destes menores foi de $2,75 \pm 1,08$, geralmente auxiliado por terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo e médico. No que se refere a tratamento multidisciplinar, apenas uma destas crianças não o realizava, todavia, todas as outras mães referiram melhora, principalmente na fala e na interação social. De modo particular à atenção da UMS, duas mães afirmaram que os profissionais do centro perceberam que as crianças eram autistas, com um dos casos sendo diagnosticado lá e ambos foram encaminhados para pontos especializados da rede. Quanto às dificuldades em referência aos atendimentos na UMS, duas responsáveis disseram não serem significativas, uma relatou que o tempo de espera para ser atendido é muito grande e a última que seu filho só frequenta o serviço em período de vacinação. **Conclusão:** O campo da saúde mental ainda é pouco explorado pelos profissionais da atenção básica por uma série de fatores que mistificam esta esfera. Diante do exposto, foi visto que esta UMS ainda não oferece suporte adequado para a população autista, porém, esta não é uma situação exclusiva, logo há necessidade de treinamento aos profissionais para que expansão do serviço.